



APRESENTA
UMA PRODUÇÃO CINELUZ

MENINAS

UM FILME DE SANDRA WERNECK

www.cineluz.com.br/meninas



56th Internationale
Filmfestspiele
Berlin
Panorama

APRESENTAÇÃO

Estima-se que uma em cada cinco gestantes no Brasil é adolescente. Por trás desses dados, existem muitas perguntas e ainda poucas respostas. O que a gravidez precoce tem a ver com a estratificação social brasileira, as convicções religiosas, a erotização da infância etc? O que passa pela cabeça dessas meninas-mães que tomam o caminho da maternidade como um atalho para a vida adulta ou para uma melhor inserção social?

O documentário *Meninas* procura repercutir indagações como essas, à sua maneira. Ou seja, acompanhando a gravidez de Evelin (13 anos), Edilene (14), Luana e Joice (15), moradoras de áreas populares do Rio de Janeiro. Uma câmera observadora capta os momentos de descoberta, dilemas e conflitos das garotas, seus namorados e familiares, assim como o silêncio e a inação que caracterizam esse momento de expectativa em suas vidas.

Meninas marca o retorno de Sandra Werneck à direção de documentários, depois de sucessos de ficção como *Pequeno Dicionário Amoroso* e *Cazuza – o Tempo não Pára*. A produção é da Cineluz e da Giros. “Eu espero que este filme, além de um documentário interessante do ponto de vista cinematográfico, seja um instrumento de reflexão para a sociedade”, afirma a diretora.

SINOPSE

No dia em que completa 13 anos, Evelin descobre que está grávida de seu namorado, um rapaz de 22 anos que acaba de se desligar do tráfico de drogas para o qual trabalhava na Rocinha, Rio de Janeiro, onde vivem. A gravidez não a impede de continuar sendo a garota de sempre.

A possibilidade de um aborto nem passou pela cabeça de Luana, 15 anos, quando ela descobriu que estava grávida. Órfã de pai, Luana vive com quatro irmãs e a mãe em uma casa onde só há mulheres. Desde cedo ajuda a mãe a criar as irmãs mais novas, e há meses vinha alimentando a idéia de ter um filho “só para ela”.

Edilene não planejou nem evitou sua gravidez. Tampouco o fez sua mãe. Agora, mãe e filha estão grávidas. Edilene espera um filho de Alex, por quem é apaixonada. Alex engravidou ao mesmo tempo sua vizinha, Joice, de 15 anos. Edilene, aos 14 anos e grávida, já vai viver o drama de um triângulo amoroso.

Ao longo de um ano a equipe acompanhou o cotidiano destas quatro “meninas-mães”.

SINOPSE CURTA

Evelin tem 13 anos e está grávida de um ex-trafficante. Aos 15 anos, Luana diz que planejou sua gravidez. Edilene, 14 anos, espera um filho de Alex, que também engravidou Joice. MENINAS acompanha por um ano o cotidiano dessas jovens.

MENINAS

EDILENE FERREIRA DA SILVA

EVELIN RODRIGUES DOS SANTOS

LUANA FERREIRA DOS SANTOS AMARAL

JOICE DELFINO ROSA

PRODUÇÃO E DIREÇÃO SANDRA WERNECK

DIRETORA ASSISTENTE GISELA CAMARA

ROTEIRO BEBETO ABRANTES

PRODUÇÃO EXECUTIVA LUIS ANTONIO SILVEIRA

FOTOGRAFIA E CÂMERA FRED ROCHA | HELOISA PASSOS

SOM DIRETO VALÉRIA FERRO

MONTAGEM FERNANDA RONDON

EDIÇÃO DE SOM E MIXAGEM DENILSON CAMPOS

MÚSICA-TEMA JOSÉ MIGUEL WISNIK & PAULO NEVES

FINALIZAÇÃO DE IMAGEM FÁBIO SOUZA

71 mins / cor

janela 1:66 / 35 mm

Dolby digital SR 5.1

Brasil 2005

ASSESSORA DE IMPRENSA ANNA LUIZA MÜLLER

tel: (21) 2286 3699 | 9976-4780 annaluizam@terra.com.br

PRESSBOOK FINAL CARLOS ALBERTO MATTOS

FILMOGRAFIA SANDRA WERNECK

A premiada carreira de Sandra Werneck abrange documentários e filmes de ficção, de curta, média e longa-metragem. Com 3 milhões de espectadores, *Cazuza – O Tempo não Pára*, seu último trabalho, co-dirigido por Walter Carvalho, foi o maior sucesso de bilheteria do cinema brasileiro em 2004 e um dos filmes mais premiados de safras recentes. As comédias românticas *Pequeno Dicionário Amoroso* e *Amores Possíveis* também foram êxitos de bilheteria e ganharam prêmios no Brasil e no exterior. Mas a carreira de Sandra Werneck começou com documentários de forte cunho social e formatos pouco convencionais. Em *Pena Prisão*, por exemplo, detentas “interpretavam” seu próprio cotidiano num presídio carioca. *Ritos de Passagem* enfocava travestis, *Damas da Noite* documentava prostitutas, *Profissão Criança* abordava o trabalho infantil e o superpremiado *A Guerra dos Meninos* fazia uma denúncia pioneira (1991) do envolvimento dos meninos de rua na lógica da violência urbana brasileira. Depois de MENINAS, Sandra desenvolve um novo projeto de ficção sobre adolescentes envolvidas com exploração sexual no Rio de Janeiro.

LONGA-METRAGEM – FICÇÃO

2003 CAZUZA – O TEMPO NÃO PÁRA

Direção, 35 mm, 120 mins.

Co-direção Walter Carvalho

Co-Produção Cineluz Produções Cinematográficas, Lereby, Globo Filmes e Columbia

Melhor Filme e Ator no Brazilian Film Festival of Miami, entre outras 18 premiações

2001 AMORES POSSÍVEIS

Direção e Produção, 35 mm, 95 mins.

Produção Cineluz Produções Cinematográficas

Prêmio de Melhor Filme Latino Americano no Sundance Film Festival (2001), entre outros

1996 PEQUENO DICIONÁRIO AMOROSO

Direção, 35 mm, 91 mins.

Produção Cineluz Produções Cinematográficas em co-produção com Lumière Latin America.

Prêmio de Melhor Filme no Brazilian Film Festival of Miami, entre outros

DOCUMENTÁRIOS

1993 PROFISSÃO CRIANÇA

Direção, Betacam SP, 35 mins.

Produção Cineluz Produções Cinematográficas

Patrocinado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT)

e Fundação ABRINQ pelos Direitos da Criança

1991 A GUERRA DOS MENINOS

Direção, 16mm, 52 mins.

Co-produção Synapse Comunicações, MP2 Produções,
Les films d'ici, FR3

Prêmio Especial do Júri no International Documentary
Festival of Amsterdam (1991), Melhor Filme e
Direção no Festival de Gramado, entre outros

1987 DAMAS DA NOITE

Direção e Roteiro, 35mm, 15 mins.

Prêmio de Melhor Filme do Júri Popular no Rio Cine
Festival (1987), entre outros

1984 PENA PRISÃO

Direção e Roteiro, 16mm, 35 mins.

Prêmio de Melhor Filme do Júri Popular, Melhor
Montagem no Festival de Brasília (1984), entre outros

1980 RITOS DE PASSAGEM

Direção e Roteiro, 35mm, 25 mins.

1976 BOM DIA BRASIL

Direção e Roteiro, 16mm, 25 mins.

**CURTAS-METRAGENS, FILMES PUBLICITÁRIOS
E VIDEOCLIPES****2001 ANA CAROLINA - "Pra Terminar"**

Direção, 16 mm, videoclipe

Produção Cineluz Produções Cinematográficas Ltda.

2001 COMERCIAL BR DISTRIBUIDORA -

Continuação Amores Possíveis

Direção, 16 mm, filme publicitário

Produção Cineluz Produções Cinematográficas

1994 CANUDOS - "AS DUAS FACES DA MONTANHA"

Direção, 16mm, Episódio de 15min do longa-metragem

Produção Televisão Alemã ZDF, Televisão Francesa ARTE e

Cineluz Produções Cinematográficas

Prêmios de Melhor Fotografia no Rio Cine Festival (1995) e

Melhor Som no Festival de Brasília (1995)

1994 PINTINHO

Direção, 16mm, 13 mins.

Produção Cineluz Produções Cinematográficas

Co-produção de ARTE

1992 PORNOGRAFIA

Direção e Roteiro, 35mm, 6 mins.

Co-direção com Murilo Salles

1989 CANAL CLICK

Direção e Roteiro, 35mm, 12 mins.

Prêmios de Melhor Música, Melhor Fotografia e Melhor

Atriz do Festival de Brasília (1989), entre outros

1986 GELÉIA GERAL

Direção e Roteiro, 16mm, 25 mins.

Prêmio de Melhor Trilha Sonora no

Rio Cine Festival (1986)

BIOGRAFIA GISELA

Gisela Camara graduou-se em Cinema com especialização em Documentário, em 2001, pela London College of Printing. Ainda em Londres, escreveu, dirigiu e produziu *Amazona*, documentário de curta-metragem sobre imigração clandestina naquela cidade. No Brasil, trabalhou na produção de diversos filmes de longa e curta-metragem, entre eles *O que é Isso, Companheiro?*, de Bruno Barreto, *Bela Donna*, de Fábio Barreto, e, mais recentemente, *A Máquina*, de João Falcão. Durante os anos de 2002 e 2003, Gisela percorreu o Brasil com equipes inglesas e alemãs, documentando a diversidade cultural brasileira para TVs européias.

Atualmente está desenvolvendo o projeto *Heimat - Terra Natal*, documentário sobre a experiência de sua família de origem alemã, durante a 2ª Guerra Mundial.

CONSIDERAÇÕES DE SANDRA WERNECK (diretora)
E GISELA CAMARA (diretora assistente)

As meninas e o Brasil - Gênese e contexto do filme

Sandra: “Quando o Lula foi eleito, eu acabava de fazer *Cazuza – O Tempo não Pára* e, como tanta gente, achei que era a hora de tocar projetos de caráter social no Brasil. Foi quando tive vontade de voltar ao documentário, onde comecei minha carreira. Entre os muitos temas que gostaria de ver tratados, escolhi o da gravidez adolescente. Eu sempre me interessei pela infância e a adolescência, o que está claro nos meus filmes.

Nos documentários, eu já havia focado temas como a prostituição infantil em *Damas da Noite*, o trabalho infantil em *Profissão: Criança*, o cárcere feminino em *Pena Prisão* e a infância marginalizada em *A Guerra dos Meninos*. Acho que todos esses fenômenos começam na criança que nasce sem uma família estruturada que a eduque. MENINAS enfoca três casos particulares, mas que ajudam a compreender um quadro mais geral.

O universo que conheci ao acompanhar a trajetória dessas meninas, durante um ano, foi profundamente revelador: elas quase não vivem suas infâncias, desde cedo assumindo o compromisso de cuidar dos irmãos mais novos e de suas casas. Acabam por confundir maternidade com maturidade, na expectativa de que o novo status de mãe signifique um reconhecimento na comunidade e na família. O período da gestação - em que a espera é a única grande aliada - coincide com o fim de seus sonhos infantis.

O solo deste filme é delicado: meninas esperando filhos, brincando de bonecas. Mas o subsolo é trágico: o quadro habitual no Brasil é o da menina que engravida, geralmente despreparada, abandona a escola e reduz suas perspectivas de vida. O novo pai, por sua vez, segue em frente, engravida outra menina, que vai ficar sozinha também. A primeira acaba se juntando a outro rapaz, que a engravida de novo e também a deixa sozinha... O resultado são todas essas casas cheias de mulheres e seus filhos, sem a presença da figura paterna.

Contra isso não basta distribuir camisinhas. O Brasil precisa pensar na questão do planejamento familiar. É uma loucura botar cinco ou dez filhos no mundo sem ter condições de criá-los e educá-los de verdade. Para além de qualquer

plano assistencialista, é preciso cuidar seriamente da educação, a começar pelas futuras mães. É preciso mostrar-lhes o que significa ser mãe. Para muitas, ter filhos é simples questão de status ou a realização de um sonho vago que não sabem exatamente o que é.

Eu espero que este filme, além de um documentário interessante do ponto de vista cinematográfico, seja um instrumento de reflexão para a sociedade. Quero que, além de chegar às salas de cinemas, ele possa servir ao debate dessas questões.”

Gisela: “Montamos uma extensa rede de pesquisa e consultas a instituições e especialistas relacionados à gravidez na adolescência. Concluimos que, na faixa etária entre 10 e 14 anos, a incidência é maior nas famílias de baixa renda, como reflexo de uma falta de perspectiva de crescimento pessoal e profissional. Muitas dessas meninas alimentam seus sonhos, mas pressentem que não poderão realizá-los. A gravidez surge, então, como um atalho para a idade “adulta”, um ganho de responsabilidade e mesmo de algumas “vantagens”, como um quartinho só para si. Nas classes média e alta, as meninas geralmente têm outros horizontes e prioridades.

Além disso, as estatísticas mostram que o índice de abortamento é menor nas famílias mais pobres – ou porque não têm dinheiro, ou porque são religiosos, ou simplesmente porque aceitam a gravidez com naturalidade. Por sua vez, os meninos costumam receber bem a notícia de que serão pais. Trata-se de uma afirmação visível de masculinidade. Eles curtem e, pelo menos no início, assumem o bebê e ajudam financeiramente quando podem, embora não dividam a responsabilidade de criá-los. Para eles, esta seria a “função da mulher”.

Semelhantes, diferentes - A escolha das personagens

Sandra: “Entrevistamos cerca de 110 meninas, não só no Rio, mas também em São Paulo, Pernambuco, Ceará, Paraíba e Minas Gerais. Conversamos com garotas de grandes cidades e de áreas rurais muito pobres. Verificamos que, no fundo, são todas muito parecidas, seja nos sonhos, nos dilemas ou no cotidiano. Acabamos optando pelo Rio para facilitar o acompanhamento extensivo durante um ano, tornando as personagens mais íntimas da equipe e da câmera.”

Gisela: “Para localizar nossas meninas, na faixa da chamada primeira adolescência (até 14 anos), houve um momento em que ligamos para todos os ginecologistas de um livro de plano de saúde do Rio de Janeiro. Escolhidas as garotas, a aproximação foi feita sempre através das mães, de maneira a obtermos o acordo de todos os envolvidos com o seu cotidiano.”

Sandra: “A Evelin nos foi indicada por uma rádio comunitária da Rocinha. Ela estava no início da gravidez e se prestava a um acompanhamento mais completo de todo o processo. A Luana foi escolhida principalmente por ser uma das poucas que afirmavam ter desejado a criança, em vez de ser apenas a agente passiva de um “acidente”. E também porque morava nessa casa só de mulheres. Já a Edilene trazia para o filme uma situação inusitada: sua mãe também estava grávida e seu namorado tinha engravidado uma vizinha no mesmo período. Havia ali um núcleo dramático completo, à espera de seus desdobramentos. É o que se vê no filme. O que nos pareceu muito rico é que essas personagens eram parecidas entre si na condição de adolescentes e na situação de espera, mas completamente singulares na maneira como foram criadas e na relação com os namorados.”

Filmar a espera

Gisela: “As filmagens aconteceram de novembro de 2004 a agosto de 2005. Sem risco de parecer ingênuas, nós queríamos que o filme tivesse o olhar das próprias garotas sobre a sua gravidez. Nossa observação era montada a partir de conversas a respeito do que estava acontecendo, do que sentiam ou julgavam importante. No começo, quase enlouquecemos porque, segundo elas, não acontecia rigorosamente nada. Ligávamos em dias alternados e nada havia para contar. Muitas vezes fui a suas casas apenas para conversar, sem filmar nada. Elas simplesmente viam televisão, cozinhavam, lavavam louça, brigavam com a irmã, conversavam no portão etc.

Percebemos então que o nosso relacionamento com as meninas seria a chave para transformarmos em imagens esse cotidiano de poucas atividades. Precisávamos de fato estar muito próximos delas, desenvolver uma intimidade que permitisse a Evelin, Edilene, Luana e Joice nos mostrar o que cada uma tinha de particular.”

Sandra: “Além de problemas naturais de articulação, as garotas tinham muita vergonha de expor o seu estado. Foi fundamental conquistar a confiança delas. Mas houve momentos em que pensamos que aquilo não daria filme. Até que finalmente compreendemos que o filme era justamente essa espera, o simples cotidiano. Isso tinha que ser impresso na película. Um filme sobre o essencial da vida e ao mesmo tempo sobre o nada.

A espera das meninas impôs a linguagem do filme. Durante a gestação do bebê não há clímax. Decidimos que a câmera seria sempre cúmplice, e que faria parte do cotidiano delas, sem invadir, documentando aquilo que nem sempre, aparentemente, teria importância. A câmera nunca se posicionava entre as meninas, mas em local destacado, deixando-as à vontade. Poucas vezes usamos tripé. Queria a respiração da câmera registrando a espera, o vazio, o que aparentemente era o “nada”, mas que, para um olhar mais atento, ajudava a explicar a escolha que nossas personagens fizeram.

Tentamos montar uma equipe técnica exclusivamente feminina, acreditando que isso ajudaria nosso método. Mas a Heloisa Passos, nossa fotógrafa, teve que se afastar para dirigir um projeto próprio e foi substituída sem problemas pelo Fred Rocha. Quando ele entrou, as meninas já estavam senhoras da situação.”

Gisela: “No nosso plano de trabalho, havia aqueles momentos fundamentais que deveríamos testemunhar: o pré-natal, o primeiro ultra-som, a descoberta do sexo do neném, o parto etc. Mas nem de longe queríamos fazer um tratado sobre gravidez. O que importava de fato era o cotidiano e suas eventuais surpresas. No trato com as meninas, sempre cuidávamos para que elas estivessem conscientes da diferença entre conversar informalmente com a equipe e falar “para a câmera”. Não pretendíamos confundí-las.”

Sandra: “Fizemos muitas tentativas com o procedimento do “cinema direto”, ou seja, filmar alguma coisa que acontece entre as pessoas, e não para a câmera. Mas isso não rendia muito, além de gerar constrangimento. Tivemos um bom momento na discussão entre Edilene e Alex à mesa, exatamente no período próximo ao parto dela, em que alugamos uma casa em Engenheiro Pedreira para ficar de tocaia, à espera do nascimento. Nesse período, fizemos um acompanhamento minucioso, da manhã à noite.

Os documentários da primeira fase da minha carreira me ajudaram muito a dirigir atores na ficção. O caminho inverso, no entanto, foi penoso. No retorno ao documentário, nada estava preparado, as coisas não aconteciam. Tive que desaprender tudo e voltar a depender do inesperado.

Uma coisa boa desse filme é que contamos com a presença dos meninos, que na maioria dos casos não dão as caras. Entre eles, o Alex foi o que mais participou do nosso trabalho. Ele foi um verdadeiro facilitador das filmagens. Até relevou desentendimentos com a Edilene para fazer a cena da conversa no almoço a dois. Já o Juninho, namorado da Luana, entra mudo e sai calado, conforme seu temperamento. Com o Sérgio, namorado da Evelin recém-saído do tráfico, fizemos um trato de não mostrar o seu rosto nem identificá-lo nominalmente. Ele temia represálias de todos os lados. Para mim, foi a realização de um desejo. Eu sempre quis ter num filme um personagem de costas, cuja identidade não fosse revelada através de um longo período. No dia do nascimento do seu filho, soubemos que o Sérgio estava voltando para o tráfico. Depois de montar e mixar o filme, aconteceu o que mais tínhamos: ter de concluir MENINAS com uma nota trágica.

Gisela: “Difícil foi evitar que as mães das meninas – sobretudo as de Evelin e de Luana - assumissem o papel de protagonistas, no vácuo de expressão das filhas. Às vezes tínhamos que pedir expressamente para filmar as garotas, sem a presença delas.”

Sandra: “Como observação pessoal desse período na vida das meninas, eu acho que todas ficaram um pouco mais tristes. Algumas amadureceram, certamente. Ao fim das filmagens, até por sugestão delas, promovemos um primeiro encontro das quatro, com seus respectivos bebês e famílias. Ali percebemos, por exemplo, que Edilene já passou a aceitar melhor o filho de Joice, a ‘rival’.

O que vejo nessas meninas é a eternização de um círculo vicioso, dominado pela irreflexão e pela banalização da vida. Ficar grávida, para muitas delas, é um ato corriqueiro e pouco planejado.

De qualquer maneira, o filme não foi feito para discursar sobre esse tema, nem julgar ninguém. Nós só queríamos ouvir aquelas meninas e expor o seu mundo. Daí não termos incluído qualquer texto ou narração editorializante, assim como omitimos todas as entrevistas com médicos que chegamos a gravar.”

Gisela: “Gosto de pensar MENINAS como um filme não sobre a gravidez adolescente, mas sobre quatro adolescentes que ficaram grávidas.”

Histórias entrelaçadas - A edição

Sandra: “Como a maioria dos documentários, MENINAS foi muito trabalhado na fase de edição. Antes de mais nada, montamos as histórias lineares de cada menina. O desafio, então, foi encontrar os pontos onde esses segmentos podiam se intercalar. Sempre gostei das narrativas entrelaçadas. Com *Amores Possíveis* aprendi que, para entrelaçar, é preciso conhecer muito bem cada um daqueles mundinhos. Eu temia que o público não conseguisse separar as três histórias, especialmente no início do filme. Depois perdi o medo. Compreendi que, ao falar dessas meninas específicas, estávamos falando também de meninas em geral. Até certo ponto, suas histórias são semelhantes e intercambiáveis.

Na edição, procurei não ampliar muito o círculo familiar das meninas. Tive que deixar de lado tias, amigos etc, para não dispersar o interesse do espectador nem perder o foco das questões. Para esse tipo de economia narrativa, usei muito o que aprendi com o *Cazuza*.”

Outras meninas - O próximo projeto

Sandra: “Em qualquer tipo de filme, sempre me interessei pela linguagem. Isso fazia com que, nos meus antigos documentários, eu tivesse um olho na realidade e outro na ficção. Em *Pena Prisão*, coloquei as detentas do Talavera Bruce para encenar seu dia-a-dia. Em *Damas da Noite*, escalei uma atriz para fazer um papel ficcional. Mas agora, depois de dirigir três longas de ficção, acho que me liberei daquele “complexo”. E pude fazer em MENINAS um documentário puro, relativamente clássico.

Mas a cura definitiva dessa “esquizofrenia autoral” talvez só venha com meu próximo projeto. Motivada pela experiência de MENINAS, comprei os direitos do livro *As Meninas da Esquina*, de Eliane Trindade, que trata de prostituição, abuso sexual e relações familiares. A autora deu um gravador a seis meninas envolvidas em exploração sexual, que registraram seus diários durante um ano. O filme vai se chamar *Sexo, Crochê e Bicicleta*. Pela primeira vez na minha carreira, vou conseguir juntar o trabalho de ficção com uma preocupação social que estava mais presente nos documentários.

Se eu projetar minha carreira futura, pretendo transitar com frequência por esses dois mundos, o que é muito rico e gratificante.”

CONSIDERAÇÕES DE BEBETO ABRANTES - Roteirista

MENINAS é um documentário cuja realização teve uma palavra-chave: espera. O filme se desenhou através de um diálogo permanente com o tempo e a sucessão dos fatos na vida de quatro meninas grávidas da cidade do Rio de Janeiro, acompanhadas por quase um ano.

A realidade, o desdobramento e a vivência diária de cada uma delas foi o guia para as filmagens e a construção da narrativa. A cada episódio na vida de uma personagem pensava-se no xadrez daquela história específica - a re-avaliação do papel de cada uma delas dentro de seu universo de relações; as ações e reações possíveis, prováveis e improváveis.

O tempo se encarregou de ir trançando as histórias de cada personagem e a trama maior do filme: a combinação entre as quatro personagens grávidas. Pela própria característica desse documentário - em que as filmagens e a história foram se delineando ao longo de um longo período - o momento da edição, mais do que nunca, foi importante e decisivo para sua construção.

Investigar o fenômeno do crescimento da gravidez adolescente é muito revelador. Trata-se de uma forma de conhecer a quantas anda a qualidade de vida do país. E o motivo é simples: quem observa atentamente uma menina grávida e seu entorno acaba por falar em desigualdade social e desejo; educação e relacionamento familiar; sonhos e desencantos; erotização da infância, aborto, etc, etc, etc.

Isso foi de uma riqueza inestimável para todos nós.

Bebeto Abrantes é roteirista e diretor. Entre seus trabalhos destacam-se os documentários 3 Antonios & 1 Jobim – idéia original e roteiro –, filme sobre encontro histórico entre Antonio Callado, Antonio Houaiss, Antonio Candido e Antonio Carlos Jobim; TV - Quem Faz, Quem Vê – direção e roteiro –, programa sobre a história da televisão brasileira; e Recife/Sevilha - João Cabral de Melo Neto – direção e roteiro –, premiado documentário sobre o poeta pernambucano. Bebeto foi redator do programa Brasil Legal, da Rede Globo de Televisão, e colaborou no roteiro do longa de ficção Como Nascem os Anjos, de Murilo Salles. Suas realizações mais recentes são Até Quando?, documentário sobre a violência contra jovens das periferias do Rio de Janeiro e de Recife, e 100% Brasil, série de 18 programas a serem veiculados pela TVE/Rede Brasil e pelo National Geographic Channel. Escreveu, ainda, os roteiros das séries 7 X Bossa Nova, exibida pela DirecTV, e Danças Brasileiras, conjunto de 13 programas com os músicos e dançarinos Antonio Nóbrega e Rosane de Almeida, semifinalista do Emmy 2005. Atualmente, dirige e roteiriza programas para a televisão na produtora carioca Giros Produções.

CONSIDERAÇÕES DE LUIS ANTONIO SILVEIRA - Produtor Executivo

Como iríamos trabalhar com adolescentes, a primeira providência foi procurar entidades governamentais, ONG's e estudiosos que se dedicam a essa temática. O percurso começou na Secretaria Especial dos Direitos Humanos, sobretudo na Coordenação dos Direitos da Infância e Adolescência. Contatamos também o Ministério da Justiça, da Saúde, a Comissão Parlamentar de Inquérito sobre os Direitos da Infância, a Senadora Patrícia Saboya Gomes, o Deputado Fernando Gabeira e também UNICEF, ANDI, Abrinq, outras ONG's e especialistas que desenvolvem trabalhos relacionados com essa questão. A partir desses contatos iniciais, construímos três redes: uma de apoio institucional, uma de colaboradores e outra de facilitadores para chegarmos até as adolescentes.

Estávamos diante de uma realidade dura, pois todas as meninas tinham conhecimento de que podiam engravidar, e o fizeram principalmente pela falta total de opções, de projetos, de sonhos, talvez, como última esperança, pois costumam acreditar que a mudança da condição de filha para a de mãe pode ser algo concreto que melhore suas vidas. Foi uma surpresa que menos de 10% das meninas com quem conversamos cogitou interromper a gravidez, e nem a mãe ou pai das jovens, ou os futuros pais do bebê sugeriram esta opção. Outro dado que nos impressionou foi que a grande maioria das meninas não frequenta escola.

Na minha percepção, a gravidez para essas meninas não é vista como extensão de uma relação ou uma celebração; é apenas mais uma tentativa de continuar a sobreviver na difícil batalha do cotidiano. Por isso, no processo, descobrimos que este filme não é exatamente sobre gravidez na adolescência, e sim um filme sobre a banalização da vida.

Luis Antonio Silveira trabalha como produtor executivo desde 1988, quando fez Angola, um programa sobre as influências africanas na cultura brasileira para a TVE Brasil e Channel Four. Nesses 16 anos trabalhou em mais de 20 projetos, entre os quais Viagem Philosophica (1992), Além Mar (1998), Eco-Aventura: Amazônia (1999) e Missão Astronauta (2000) para o grupo Discovery; O Mundo da Fotografia, Balaio Brasil e Novos Heróis (2001), Tesouro Verde e Animal SOS (2003). Mais recentemente, dedicou-se à produção executiva da série 7 X Bossa Nova, que documentou a trajetória desse gênero musical.



Evelin tem 13 anos e vive na Rocinha, zona sul do Rio de Janeiro, com sua mãe, Rose, e seu irmão Everton. Seu pai, Gentil, vive com outra mulher e trabalha como motoboy. Rose é manicure, babá e vende produtos de beleza. Evelin deixou a escola na quinta série, gosta de andar na moda e ir ao baile funk.



Edilene tem 14 anos e mora em Engenheiro Pedreira, na casa de Lúcia, mãe de Alex. O rapaz tem 21 anos, trabalha como ajudante de marceneiro e engravidou ao mesmo tempo Joice, sua ex-namorada. Assim que seu filho nascer, Edilene vai morar com sua mãe, Maria José, que também está grávida.



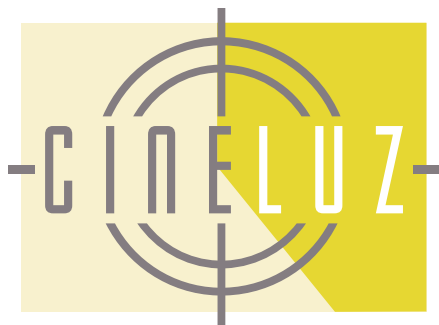
Joice vive com a mãe, o pai e um irmão mais novo em Engenheiro Pedreira, Baixada Fluminense. A gravidez aos 15 anos significou para ela o fim de seu sonho de entrar para a Marinha.



Luana tem 15 anos, mora no Morro dos Macacos, zona norte do Rio de Janeiro, e é a filha mais velha de uma família de mulheres: sua mãe, viúva, sustenta sozinha as cinco filhas e vê na gravidez de Luana a possibilidade de finalmente ter um “homem” dentro de casa.

- As estatísticas apontam uma incidência crescente da gravidez na adolescência em todo o mundo.
- No Brasil, embora as taxas gerais de fecundidade tenham decrescido desde os anos 1970, a proporção de partos entre adolescentes tem sido cada vez maior.
- Segundo o IBGE, a taxa de fecundidade das mulheres brasileiras entre 10 e 19 anos cresceu 27% entre os anos de 1991 e 2000.
- Em 1991, de cada 1.000 mulheres nessa faixa de idade, 29,47 ficaram grávidas. Em 2000, a incidência foi de 37,59 mulheres em cada 1.000.
- Esses números autorizaram um demógrafo do IBGE a estimar, a pedido da produção de MENINAS, a ocorrência de mais de 628.000 adolescentes grávidas em 2005 (mantendo-se a mesma taxa de fertilidade de 2000).
- Supondo-se um crescimento de 15% na taxa, chegaríamos a um total superior a 723.000 partos entre adolescentes.
- Estima-se que de 20 a 25% do total das mulheres gestantes sejam adolescentes, o que significa que há uma gestante adolescente para cada cinco mulheres gestantes.
- Em 1996, 14% das jovens com menos de 15 anos já tinham pelo menos um filho.
- Está amplamente comprovado que a maioria das adolescentes grávidas na faixa etária de 10 a 14 anos pertence às classes populares.
- Segundo dados do SUS (Sistema Único de Saúde) relativos ao ano de 2000, dos 2,5 milhões de partos realizados nos hospitais públicos do país, 689 mil eram de mães adolescentes com menos de 19 anos de idade.
- O parto é a primeira causa de internação de adolescentes no SUS.
- Segundo estudos, as adolescentes que engravidam são geralmente filhas de mães que também iniciaram sua vida sexual ou engravidaram precocemente.

Fontes: IBGE, SUS, Revista de Psicologia



A Cineluz atua no mercado cinematográfico desde 1992, tendo realizado grandes sucessos de público tais como *Pequeno Dicionário Amoroso*, *Amores Possíveis* e *Cazuza – O Tempo não Pára*, maior bilheteria do cinema nacional em 2004, todos dirigidos por Sandra Werneck. A produtora também é responsável pelo videoclipe de Ana Carolina *Pra Começar*, bem como vários documentários de curta, média e longa metragem dirigidos por Sandra Werneck.

Atualmente está desenvolvendo os projetos *Sexo*, *Crochê e Bicicleta*, ficção de Sandra Werneck adaptada do livro *As Meninas da Esquina*, de Eliane Trindade, e *Margem*, documentário longa-metragem de Maya Da-Rin.



Há oito anos no mercado, a Giros Produções é dirigida por Belisario Franca, em parceria com o produtor executivo Luís Antonio Silveira, e acumula vários prêmios no Brasil e no exterior. A produtora foi laureada por trabalhos como a série *Música do Brasil* (Grande Prêmio do Cinema Brasileiro em 2001 na categoria “Melhor Produção Cultural para Televisão”, Medalha de Prata no New York Film Festival e uma indicação ao Emmy International em 2000) e *Além Mar*, (“Melhor Documentário” para a International Documentary Association de Los Angeles). A Giros também tem realizado importantes parcerias com canais de televisão nacionais e internacionais, como Discovery Channel, MTV USA, Animal Planet, Discovery Kids, People & Arts, National Geographic Channel, TVE da Espanha, GNT, Spike TV, Multishow e TV Escola. Entre os projetos recentes estão as séries de TV *Danças Brasileiras*, *7 X Bossa Nova*, *100% Brasil* e o documentário *Até Quando?*, realizado para o Unicef.

Apoios institucionais:



Apoio Cultural:



Patrocínio:



Ministério de
Minas e Energia



Distribuição e contato:



Av. das Américas, 500 - **Bloco 11 - sala 204**
Barra da Tijuca - Rio de Janeiro - Brasil | CEP 22.640-100
Tel.: +55 21 2106-6999 fax: +55 21 2106-6971
www.downtownfilmes.com.br

Cineluz Produções Cinematográficas Ltda.
Rua João Borges, 20 - Gávea
Rio de Janeiro - RJ - CEP 22451 100
Tel/Fax: (21) 2512 1371 | 2512 1770 | 2294 5963
cineluz@cineluz.com.br
www.cineluz.com.br